

Atos de fingir em *Canibal*, de Moacyr Scliar

Jéssica Rodrigues Souza ⁶⁶

Centro Universitário Leonardo Da Vinci (UNIASSELVI)

Resumo

Este artigo apresenta uma análise do conto *Canibal* (1995), de Moacyr Scliar. Uma análise que envolve duas personagens, Bárbara e Angelina, que devido a um acidente de avião ficaram presas nos altiplanos da Bolívia. “Bárbara” é o feminino da palavra “bárbaro”, significando desumano e rude, e “Angelina” vem da palavra “anjo”, significando bondosa e resignada. Tais personagens através do significado de seus respectivos nomes começam atuar de maneira mais nítida dentro da narrativa. Bárbara sendo vista como detentora de algumas qualidades, estas que são valorizadas por uma sociedade elitista e capitalista, caracterizando-a como a típica mulher branca, rica e bonita. Já Angelina é vista como uma mulher possuidora de qualidades desprestigiadas dentro desta sociedade, pois além de muito magra, ainda é negra. Personagens que favorecem a análise do conto mencionado a partir dos estudos de Wolfgang Iser (2002) e Confortin e Reales (2008).

Palavras-chave

Canibal. Moacyr Scliar. Atos de fingir. Elementos da narrativa.

⁶⁶ Pós-graduação em Educação Especial: Deficiência Intelectual pela UNIASSELVI. Pós-graduação em Docência no Ensino Superior pela UNIASSELVI. Graduação em Licenciatura em Letras pela UESB. Estagiou no Colégio Estadual Professor Firmo Nunes de Oliveira.

Introdução

O presente artigo apresentará uma análise do conto *Canibal* (1995, p.89-90), de Moacyr Scliar. Uma análise que foi edificada em torno de duas irmãs: Bárbara e Angelina. Irmãs que no conto são brasileiras e que acabaram por causa de um terrível acidente de avião, nos anos de 1950, ficando presas nos altiplanos da Bolívia.

Barbara e Angelina por meio dos significados de seus próprios nomes acabaram assumindo papéis decisivos dentro da narrativa literária, fazendo assim, com que suas personagens ficcionais ficassem cada vez mais em evidência ao longo do conto.

Desta forma, tais personagens no decorrer da narrativa, acabam por favorecer a análise, contribuindo para o entendimento acerca da história, do contexto, do lugar e do próprio narrador, bem como a respeito dos próprios fatos que são narrados. Além de possibilitar, a construção da dimensão ficcional deste conto.

1 ANÁLISE DO CONTO *CANIBAL*, DE MOACYR SCLIAR

Canibal trata-se de um conto de Moacyr Scliar. É uma narrativa que se passa no ano de 1950 e conta a história de duas mulheres brasileiras, cujos nomes são Bárbara e Angelina, que por conta de um acidente de avião, ficaram presas nos altiplanos da Bolívia.

Como todo texto literário, o conto trabalha com os atos de fingir da seleção e da combinação, de modo a criar uma verossimilhança que esteja mais próxima com uma realidade factual, sem desconsiderar suas próprias especificidades. Desse modo, [...] cada texto literário é uma forma determinada de tematização do mundo[...]" (ISER, 2002, p.960).

Por meio dessa tematização, escolhe-se os personagens que irão compor a narrativa. O personagem seria “[...]um importante elemento da narrativa, pois ele é quem vivencia os fatos narrados, e em torno do qual, muitas vezes, organiza-se a economia narrativa [...]” (CONFORTIN; REALES, 2008, p.18).

Mas além de vivenciar os fatos narrados, os personagens são constituídos por certas características, que os tornam únicos dentro da história. No conto, têm-se como personagens Bárbara e Angelina. Duas mulheres que são caracterizadas pelo narrador de modos distintos. Bárbara como uma mulher “alta e loira, casada com um rico fazendeiro” (SCLIAR, 1995, p.89). E Angelina como “uma criatura esguia e escura, de grandes olhos assustados” (p.89).

Essas duas personagens desenvolvem suas ações num determinado tempo e espaço. Nesse sentido, observa-se que a história acontece no Brasil nos anos de 1950. Uma década na qual se obteve grandes marcos para a modernidade brasileira, não somente nos campos das artes, mas também por meio da arquitetura.

Através da arquitetura a modernidade deixou de ser somente sentida, mas também passou a ser visualizada. Um exemplo disto foi a construção de Brasília, que foi uma forma de se representar o que havia de mais moderno.

Além disso, observa-se também a presença da modernidade por meio da evolução dos meios de transporte. Nos anos de 1950, quando as primeiras companhias aéreas tomaram o mercado, voar de avião era concebido como uma experiência única, principalmente para aquelas pessoas com um elevado poder aquisitivo. As passagens de avião eram muito caras, nem todas as pessoas tinham condições de pagá-las. Os aviões eram luxuosos, e quem trabalhava ou economicamente poderia viajar em um avião era visto possuidor de status de luxo (FREITAS,2014).

O avião é até hoje considerado um meio de transporte que propicia emoções intensas, bem como risco de queda ou destruição. As personagens do conto, Bárbara e Angelina, que se encontram neste veículo aéreo experimentam a sensação de estarem em um moderno aparelho e nessa aventura, elas acabam sendo levadas para uma catástrofe, tendo que sobreviver cada uma a sua maneira.

Uma catástrofe que ocorreu num deserto afastado da civilização, local em que as personagens ficaram presas depois da queda do avião, colocando-as, assim, numa situação de total isolamento, dependendo dos próprios recursos para garantir sua sobrevivência.

Pela questão dessa sobrevivência, os sentidos atribuídos aos nomes das personagens adquiriram vivacidade, não se restringindo somente ao âmbito conceitual. Tais sentidos foram sendo combinados com as características humanas destas personagens, de forma a criar “[...]relacionamentos intratextuais[...]” (ISER,2002, p.965),

Por meio desses relacionamentos intratextuais foram revelados os sentidos atribuídos a cada protagonista. Bárbara seria o feminino da palavra “bárbaro” que significa etimologicamente “desumano, rude”, dentre outros predicados. Já Angelina remeteria a palavra “anjo”, podendo significar uma “pessoa bondosa ou virtuosa”. Fazendo um cruzamento dos sentidos desses nomes, observa-se uma tensão relacionada aos seus campos semânticos. Desta maneira, as duas mulheres no contexto da narrativa representam tipos humanos de natureza opostas, podendo isto ser percebido pelo tempo do discurso.

O tempo do discurso “[...] diz respeito ao modo como o tempo da história pode ser elaborado a partir de estratégias e perspectivas narrativas e estilísticas muito particulares a cada criação literária[...]” (CONFORTIN; REALES, 2008, p.61).

Nesse sentido, ao criar na narrativa a dicotomia entre os nomes Bárbara e Angelina, torna-se possível perceber a partir dos caracteres atribuídos, que Bárbara nega-se a dar comida a sua irmã de criação Angelina, tendo, portanto, uma atitude desumana que condiz perfeitamente ao seu nome “Bárbara”. Enquanto Angelina por possuir as qualidades de um anjo de ser resignada e bondosa, prefere não destruir a propriedade privada de Bárbara, e ir em busca de frutos e raízes na região deserta.

O narrador evidencia que Bárbara ao trazer esses alimentos, de alguma forma estava prevendo que um tipo de situação dessas poderia acontecer em algum momento. Por esse motivo transportava os mantimentos mais do que necessários para garantir a sua sobrevivência. No entanto, esse baú era um indicativo da propriedade privada, pois estabelecia o direito de posse como sugere o conto.

Ainda relacionada às características da personagem, tem-se em Bárbara uma mulher prevenida, pois “[...] trazia consigo um grande baú, contendo os mais diversos víveres: anchovas, castanhas-do-pará, caviar do Mar Negro, morangos, rins grelhados, compota de abacaxi, queijo de Minas, vidros de vitaminas. Esse baú estava intacto!” (SCLIAR, 1995, p.89). A variedade de comida trazida por Bárbara nesse grande baú acaba revelando um pouco da sofisticação da personagem.

Assim, como pode ser percebido, o sentimento de irmandade é aniquilado em prol dos interesses individuais. Nesse contexto é visto uma decadência dos valores humanistas característicos do século XX. Deste modo, o indivíduo surge como um ser que perdeu o sentido em um mundo mutilado pelas grandes guerras, pelo avanço feroz do capital, pelo crescimento de máquinas na produção e pela evolução dos meios de transportes.

Além do mais, a partir da situação apresentada entre as irmãs, torna-se possível observar a perspectiva narrativa, esta que “[...] deve ser observada[...]na sua capacidade de provocar na narrativa a pluralidade de perspectivas [...]” (CONFORTIN; REALES, 2008, p.67). No conto, a perspectiva narrativa pode ser identificada pelas vozes dessas personagens. Na voz de Bárbara, o baú já possuía uma dona, no caso ela mesma. Por esta razão, utilizando-se do poder da palavra, faz com que sua irmã Angelina perceba que ela é proprietária daqueles mantimentos. Em contrapartida, na voz de Angelina, o baú não era de sua propriedade.

Por meio das duas perspectivas é revelado como a interação social dessas irmãs estava condicionada sob a imposição da mais forte, visto que Angelina não tinha coragem de enfrentar a própria irmã e se resignava diante das atitudes de Bárbara. Tanto que Angelina por não suportar mais a fome, “[...]colocou a mão esquerda sobre uma pedra e de um golpe decepou seu terceiro dedo. O sangue jorrou. Angelina levou a mão à boca e sugou o próprio sangue” (SCLIAR, 1995, p.90).

Todavia, o modo como o narrador descreve a cena antes de Angelina tomar a atitude de decepar o próprio dedo, leva a crer que ela estaria disposta a matar Bárbara, como pode ser verificado pelo trecho que segue: “[...] enquanto Bárbara almoçava, Angelina aproximou-se dela, com uma faca na mão[...]

” (p.90). Desta forma é criada uma expectativa, pois é induzido a se pensar que a personagem Angelina, finalmente, iria ter algum tipo de reação violenta contra a egoísta da sua irmã Bárbara. Até a própria Bárbara esperava uma atitude desse tipo: “[...]curiosa, Bárbara parou de mastigar a coxinha de galinha e ficou observando a outra, que estava parada, completamente imóvel [...]” (p.90).

O narrador é a entidade responsável pela produção do discurso. Sendo assim, ele que organiza a narrativa. E o modo como desempenha o ato da narração que determinará o tipo de narrador (CONFORTIN; REALES, 2008.p.73). Nesse sentido, pode ser observado no conto que o tipo de narrador é o heterodiegético. Esse tipo de narrador é expresso em terceira pessoa e mantém certo anonimato.

Certo anonimato que é perceptível no conto, visto que o narrador, inicialmente, não demonstra se está a favor de Bárbara ou contra Angelina ou vice-versa. O que o narrador faz é criar uma expectativa de que Angelina tomará coragem e reagirá com violência contra Bárbara. Tanto que a própria Bárbara estava esperando um acontecimento desse tipo.

Ao evidenciar que Bárbara esperara por tal tipo de atitude de Angelina, torna-se possível imaginar que o narrador, ao utilizar dessa expectativa, tenta mostrar que a atitude de Bárbara não é uma das mais louváveis, pois demonstra que até a própria Bárbara esperava uma atitude violenta por parte de sua irmã. Contudo, a expectativa é logo quebrada, porque não é isso que acontece, visto que Angelina ao invés de tomar uma atitude violenta contra irmã, acaba cometendo uma atitude de extrema violência contra ela mesma. A moça em um gesto desesperado mutila seu próprio corpo, enquanto Bárbara assiste friamente a autodestruição da irmã.

O lamentável fato de Angelina ser levada para automutilação, não comove Bárbara. Ao contrário, contribui para acentuar que essa era um ser desprovido de afeto em relação à irmã de criação. Uma pessoa incapaz de abandonar a propriedade privada e de

ajudar a própria irmã num gesto fraterno. E por seu ímpeto egoísta, acaba conduzindo Angelina para o canibalismo.

Todavia, cabe lembrar, que a narração literária deve ser compreendida como instância do ficcional, na qual utiliza o recurso dos parênteses como forma de representar os fatos narrados.

Neste viés, o mundo ficcional é posto entre parênteses para que se compreenda que o mundo representado não é o mundo dado, mas sim entendido como se o fosse revelando assim, que a consequência do desnudamento da ficção acontece justamente pelo reconhecimento do fingir em que o mundo organizado no texto é transformado em um “como se”. Nesse “como se”, o pôr entre parênteses indica que todos os critérios naturais quanto ao mundo que é representado estarão suspensos. Nessa acepção, o pôr entre parênteses implica que o mundo posto seria um objeto de encenação. Contudo, apesar de não ser o mundo real, deve ser considerado como se o fosse (ISER, 2002, p.973).

Essa verossimilhança com a realidade factual foi observada por meio desse gesto de canibalismo que Angelina comete contra ela mesma. Uma atitude extrema, mas que o narrador descreve como se fosse verdade. Nessa descrição, como forma de expressar esse “como se”, o narrador faz referência à dimensão gramatical da linguagem.

Pelo uso da forma verbal “comeu”, no modo indicativo, expressou-se uma certeza acerca do ato do canibalismo cometido por Angelina em um determinado tempo passado: “[...] Angelina comeu os dedos das mãos e depois os dos pés[...].” (SCLIAR, 1995, p.90).

Nessa sequência de automutilação, a personagem também devora as “pernas e coxas” (p.90). E Bárbara em nenhum momento tenta impedi-la de cometer o canibalismo, o que a moça faz num falso ato de cumplicidade é ajudar a irmã no processo de autodestruição: “Bárbara ajudava-a a preparar as refeições, aplicando torniquetes, ensinando como aproveitar o tutano dos ossos etc” (p.90).

Na verdade, Bárbara estava protegendo sua propriedade privada, no caso o baú de mantimentos, evitando assim dividir seus alimentos com Angelina. Com isso, “torna-se deste modo claro que a ficção do *como se* utiliza o mundo representado para suscitar reações afetivas nos receptores dos textos ficcionais [...]” (ISER, 2002, p. 977).

Considerando que o “como se” utiliza um mundo fictício, de modo a criar reações afetivas nos receptores, nesse contexto, verifica-se a contribuição do campo imaginário, ao possibilitar a representação de acontecimentos que não seriam verdadeiros mais estariam sendo vivenciados como se fossem reais.

Ao ser vivenciado como reais mesmo não sendo verdadeiros, “[...]a representabilidade daquilo que é provocado pelo *como se*[...]se põem a serviço desta irrealidade para, no processo de irrealização, transformá-la em realidade”.

Desse modo, percebe-se no conto essa representabilidade no fato de Angelina abrir o próprio ventre e devorar o fígado, o baço, os ovários e o útero. Nesse processo de automutilação, Angelina acaba não morrendo no tempo esperado, que seria no máximo em algumas horas, como aconteceria no plano do real com uma pessoa que tivesse retirado órgãos vitais para funcionamento de seu corpo. Com isso, Angelina acaba sobrevivendo mais do que humanamente possível.

Após decorridos vinte dias na região desértica, Angelina morre. E no dia seguinte de seu falecimento a equipe de salvamento chega aos altiplanos da Bolívia e salva Bárbara. Essa que se encontrava bem e tinha conseguido sobreviver durante aqueles dias terríveis. Diante do corpo, a equipe de resgate a indaga sobre o que aconteceu com Angelina. Bárbara, visando preservar a reputação da irmã, mentiu, dizendo que foram os índios. Por conta dessa mentira, “[...]Os jornais noticiaram a existência de índios antropófagos na Bolívia, o que não corresponde à realidade” (SCLIAR, 1995, p.91).

Mesmo não correspondendo à realidade, “[...] a ficção preocupada com a explicação, na dissimulação de seu estatuto próprio, se oferece como aparência da realidade, de que ela, neste caso, necessita[...]” (ISER, 2002, p. 970).

Neste viés, o narrador apresenta a hipocrisia de Bárbara, porque a moça mentiu, mas não em prol de preservar “intacta a reputação da irmã”, e sim a sua própria reputação, visto que o que as pessoas diriam de uma mulher que se negou a dividir os alimentos do baú com sua irmã, mesmo essa sendo de criação.

Contudo, a mentira de Bárbara circulou como versão oficial, pois os jornais noticiaram que havia índios antropófagos na Bolívia. Um fato que não corresponde a situação vivida por Bárbara e Angelina. Todavia, as pessoas que leem os jornais por não saberem o que aconteceu realmente nos altiplanos na Bolívia e por estar diante de um suporte que veicula informações de fatos consideradas “reais”, acabam acreditando na existência desses índios.

Desta maneira, a mentira contada por Bárbara consiste numa “[...] articulação estética e técnica da linguagem para compor, por meio dessa linguagem, experiências, fatos, emoções, ambientes etc[...]” (CONFORTIN; REALES ,2008, p.81). Nessa ótica, tal invenção, transforma-se não somente na mentira de Bárbara, mas sim de todas que atravessam o discurso burguês, visto que dentro das relações sociais perceptíveis no conto, torna-se possível inferir que de

um lado, Bárbara representava a burguesia, e de outro, Angelina, representava a classe dos proletários.

Portanto, o conto *Canibal*, de Moacyr Scliar, mostra a partir dos elementos que constituíram essa narrativa, como a ficcionalidade e o mundo representado pelas personagens Angelina e Bárbara são trabalhados pelos atos de fingir, de forma que o mundo não seja dado, mas sim posto como se o fosse.

Conclusão

O artigo apresentou a análise do conto *Canibal* (1995, p.89-90), de Moacyr Scliar, este que envolveu a participação das irmãs Bárbara e Angelina, estas que devido a um acidente de avião, acabaram ficando presas nos altiplanos da Bolívia.

Nessa análise, por meio dos significados dos nomes das personagens, foi possível observar que “Bárbara” condiz perfeitamente a tal significação, pois além de “bárbara e rude”, também é desumana. Bárbara em nenhum momento ajuda sua irmã a saciar a fome. Ao contrário, nega-se a dar seus mantimentos, e pior do que isto, a incentiva em sua automutilação.

Angelina também condiz com o significado de seu nome, que é “bondosa e virtuosa”. A moça ao invés de agir com violência contra a irmã, fica resignada como um anjo, e prefere cometer uma atitude de extrema violência contra ela mesma.

Assim, a partir dos significados que remetem tais nomes, as personagens assumem papéis que são fundamentais dentro da narrativa literária e que acabam por definir suas escolhas e decisões. Papéis que favorecem a análise do conto e que contribuem para uma melhor compreensão acerca dos elementos da narrativa que constituem a dimensão ficcional do referido conto.

Referências

FREITAS, Ana. *6 fatos surpreendentes sobre a aviação nos anos 1950*. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/blogs/que-viagem/noticia/2014/06/6-fatos-surpreendentes-sob-re-aviacao-nos-anos-1950.html>.

ISER, Wolfgang. “*Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional*”. In: LIMA, Luiz Costa (org). *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol. 2. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 955-985 ?

CONFORTIN, Rogério de Souza; REALES, Liliana. *Introdução aos estudos da narrativa*. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2008.

SCLIAR, Moacyr. “Canibal”. In: _____. *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.p.89-90.

ACTS OF PRETENSE IN CANNIBAL, BY MOACYR SCLIAR

Abstract

This article presents an analysis of the *Canibal* tale (1995), by Moacyr Scliar. An analysis involving two characters, Barbara and Angelina, who due to an airplane accident were imprisoned in the highlands of Bolivia. "Barbara" is the feminine of the word "barbarian," meaning inhuman and rude, and "Angelina" comes from the word "angel", meaning kind and resigned. Such characters through the meaning of their respective names begin to act more clearly within the narrative. Barbara being seen as the owner of some qualities, which are valued by an elitist and capitalist society, characterizing her as the typical white woman, rich and beautiful. Already Angelina is seen as a woman possessed of discredited qualities within this society, because besides being very thin, it is still black. Characters that favor the analysis of the story mentioned from the studies of Wolfgang Iser (2002) and Confortin and Reales (2008).

Keywords

Cannibal. Moacyr Scliar. Acts of pretending. Elements of narrative.